

que se arroga como o lugar por excelência de determinação de tudo que pode vir a ser como contraposto. A arte, em contrapartida, permanece como força de resistência, como âmbito de aceno para o caráter mesmo de acontecimento apropriador (Ereignis) de toda determinação histórica de ser. E é exatamente nesse campo aberto pelas tensões e aproximações, pelas ressonâncias e dissonâncias, pelas configurações possíveis desse jogo de duas faces que é constitutivo de todo aparecer historicamente determinado que o livro de Irene Borges-Duarte vem à tona em sua sutileza peculiar; em sua capacidade descomunal de ligar os fios e tecer caminhos transversais na obra de Heidegger. Com um domínio incomparável das sendas da floresta heideggeriana, Irene Borges-Duarte nos convida a acompanhá-la em seu passeio por tais sendas e viabiliza a todos nós uma visão do que se abre com elas. É por isto que esse livro é por demais imprescindível.

Marco Casanova

“Entre os grandes motivos de Heidegger, a Arte é decerto um dos mais constantes, originais e, talvez, menos controversos, sendo recorrente em conferências e publicações durante cerca de 40 anos, que revelam até que ponto esta questão é central na sua trajetória filosófica. A esta questão junta-se-lhe a da Técnica, que se entrelaça com a primeira, a ponto de podermos afirmar que, em muitos aspectos, é a sua outra face. São como o alfa e o ômega do mostrar-se veritativo do ser nas múltiplas configurações do seu pôr-se em obra, num discurso que não só é língua, mas também imagem, gesto, corpo: manifestação articulada do sentido das coisas e dos humanos no seu tempo e espaço próprios. São as duas cabeças do divino Jano: início e fim duma mesma dinâmica ontológica no espaço-tempo geohistórico que habitamos”.

ISBN 978-856456571-5



9 788564 565715

<https://www.viaverita.com.br/>



Irene Borges-Duarte

ARTE E TÉCNICA EM HEIDEGGER



IRENE BORGES-DUARTE

ARTE E TÉCNICA EM HEIDEGGER



Arte e técnica são dois termos que se encontram em conexão originária no pensamento tardio de Martin Heidegger. Se, por um lado, Heidegger afirma expressamente em sua famosa conferência “A origem da obra de arte” que a essência da obra de arte é o pôr-se em obra da verdade, atribuindo, com isso, à arte o papel de funcionar como o lugar do próprio despontar da medida histórica dos entes em geral, sua também célebre conferência “A pergunta sobre a técnica” promove, por outro, logo de início, um giro que retira a técnica do campo restrito da instrumentalidade característica de certas atividades humanas, para pensá-la como um modo de desencobrimento dos entes, ou seja, como um modo da verdade compreendida como alétheia. Tanto a arte quanto a técnica, portanto, se mostram para Heidegger como modos do acontecimento da verdade. Tal proximidade entre os dois termos, contudo, aponta aqui para tudo menos para uma equiparação pura e simples entre eles. Enquanto a arte deixa ser o ente e o revela originariamente como articulado por confiabilidade e retração, pelas vias estáveis do mundo e pelo escuro da terra para além de toda e qualquer aparição, a técnica posiciona os entes incessantemente como emergindo de uma dinâmica de produção, que transforma originariamente a natureza em disponível para as provocações técnicas capazes de fazer com que a natureza forneça até mesmo aquilo que por ela mesma jamais seria fornecido. Em tudo que posiciona, a técnica se co-posiciona ao mesmo tempo como o único esquema decisivo de posicionamento do que é e pode ser: sua essência vem à tona como composição (Gestell), como a reunião final e sintéti-